

4 Metodologia

Esta pesquisa segue os moldes da psicologia da cultura. Nesta área é possível relacionar aspectos culturais, sociais, antropológicos e psicológicos em confluência para a formação da subjetividade.

O problema essencial talvez seja a vontade de explicar antes de compreender. Descrever as modalidades pelas quais se constrói e se expressa a pessoa dentro de determinada cultura e, a partir dessa observação, tentar compreender aspectos fundamentais da realidade é o propósito da psicologia da cultura.

Augras, 1995, p.19

Este trabalho é um estudo fenomenológico dos mecanismos psicológicos utilizados pelas pessoas em questão.

A pesquisa à qual me propus, como já descrito na introdução, foi realizada no âmbito religioso da União do Vegetal mediante o convívio com os seus integrantes. Para este tipo de prática, me pareceu mais adequado adotar um enfoque fenomenológico do sujeito inserido no contexto religioso. Em termos práticos, é a compreensão do outro através do que é trazido por ele sem definições prévias, para em seguida contemplar e compreender o novo, que emerge como diz Castoriadis (1992), sem necessariamente procurar relações de causalidade.

Não posso resistir à vontade de citar novamente Augras, que em um parágrafo consegue de forma sucinta descrever a postura do pesquisador frente ao seu “objeto” de estudo. Em sua vasta experiência no campo das pesquisas acerca da religião, Augras considerou o enfoque fenomenológico como o viés mais apropriado para a compreensão da realidade, que se apresenta ao pesquisador.

Na pesquisa de campo sobre identidade mítica, preferi ater-me a um enfoque fenomenológico e compreensivo, como único meio que assegurasse o respeito dos valores alheios e a humildade ao retratá-los. Em sua prática, a fenomenologia destaca três pontos: acontecimento, convivência, testemunho. Privilegia o encontro e rechaça a pretensão interpretativa. Deste modo, o outro deixa de ser objeto, passa a ser também sujeito do conhecimento. Para reconhecer o outro, o pesquisador tem de assumir-se em sua tradição, sua historicidade, sua estranheza. A explicação do

cientista sabe-tudo é substituída pelo diálogo, pela troca, pela construção conjunta do saber, aberto a todas as reformulações e transmutações, pois o círculo hermenêutico é, necessariamente, histórico.

Augras, 1995, p.19

4.1. A pesquisa de campo.

Seguindo o exemplo dos procedimentos de Augras na investigação dos terreiros de candomblé, o método utilizado para a coleta de dados neste trabalho é a “Observação Participante de Campo”, mais usado na antropologia que na psicologia. Segundo este método, o pesquisador propõe-se por um período de tempo a interagir com o grupo, influenciando e sendo influenciado pelo campo, abrindo mão da pretensão da neutralidade pura, sem no entanto perder de vista o seus objetivos enquanto estudioso. Este procedimento está em sintonia com as diretrizes da fenomenologia. Não é uma tarefa simples, mas com esta proposta pode-se captar, de maneira mais fidedigna, as questões relevantes existentes no campo. A observação participante de campo, ao contrário do que muitos podem pensar, não se restringe apenas àqueles campos longínquos, quer geográfica, quer culturalmente. É possível empreender um trabalho de campo sobre aquilo que nos é familiar, sendo necessário o movimento contrário: ao invés de procurar familiarizar-se com o que é estranho, o pesquisador terá que estranhar o que lhe é familiar – o que por vezes é mais difícil. Enfim, seja em um meio exótico, ou familiar, a observação participante de campo permite ao pesquisador das ciências humanas estudar em um campo, que é vivo e preexistente por si só, o estudo de algo, que vive e pulsa e é capaz de fornecer não apenas riquezas teóricas, mas também, a riqueza da vivência direta com pessoas provenientes de diversas realidades.

É portanto para chegar a esta postura (ou para chegar próximo a ela) que o etnólogo empreende sua viagem e realiza sua pesquisa de campo. Pois é ali que ele pode vivenciar sem intermediários a diversidade humana na sua essência e nos seus dilemas, problemas e paradoxos. Em tudo, enfim que permitirá relativizar-se e assim ter a esperança de tornar-se um homem verdadeiramente humano.

da Matta, 1981, p. 150

4.2. O método de história de vida

Em seu trabalho: *Algumas questões relativas ao uso de histórias de vida em ciências sociais*, Miriam Raja G. Preuss (1992) traça um cuidadoso histórico do uso da história de vida nas ciências sociais. Segundo Preuss, este tipo de estudo começou a ser praticado no início do séc. XX. Muitos autores se referem à obra de Thomas e Znaniecki (1918-1920), *The Polish Peasant*, como o primeiro uso de histórias de vida em ciências sociais. Já para Bastide (1953), o estudo da história de vida teve início na psicologia e Balandier (1953), aponta os antropólogos como os primeiros a darem às histórias de vida um status científico. Por volta dos anos 40 até os anos 80, do século passado, decaiu o uso das histórias de vida.

...exigência de quantificação e de cálculos estatísticos possíveis nas pesquisas de levantamento e ao fascínio pelos modelos experimentais e possibilidades de testes de hipóteses (...) e também a psicologia social estava envolvida no processo de recorrer à experimentação e quantificação na tentativa de alcançar reconhecimento científico.

Preuss, 1992, p. 3

Clapier-Valandons, também atribuía a re-emergência da subjetividade à frustração de perceber a impossibilidade das ciências humanas se encaixarem nos moldes das ciências naturais:

Seja como for, o desabrochar da abordagem biográfica pode ser, a nosso ver, analisado como uma etapa na história da Ciências humanas, uma pausa no processo de racionalização sistemática. Nós registramos portanto uma volta à pessoa, a afirmação da necessidade, já vista por Kant, de uma Antropologia prática centrada sobre o sujeito no momento em que parecem se exaurir os esforços para fazer entrar, por bem ou por mal, as ciências humanas no regaço das ciências da natureza

Clapier-Valandons, 1983, p.2

O uso da história de vida é extremamente adequado às finalidades de construção do saber, dentro do campo da psicologia. Como diz o sociólogo Roger Bastide:

...a técnica da história de vida ainda permanece muito presa às suas raízes psicológicas, preocupando-se antes com o desenvolvimento da personalidade na

relação com o meio social ou cultural, do que com os fatos sociais propriamente ditos.

Bastide 1953. p. 157

Para Bastide, isso se traduz em um problema a ser resolvido pela sociologia ao fazer uso dos relatos de vida, mas como pode-se ver o que é problema para uns, é solução para outros.

A subjetividade retomou o seu lugar de importância dentro da psicologia, sendo reconhecida como objeto de pesquisa. Vejo esta retomada da subjetividade, como um amadurecimento da psicologia enquanto área produtora de conhecimento, conhecimento este, que não tem sempre a necessidade de se legitimar perante outras disciplinas.

Tendo em vista a natureza da questão estudada nesta dissertação, a história de vida se apresentou como a maneira mais adequada, de compreender o fenômeno.

Para obter uma história de vida, somente é necessário o encontro entre duas pessoas, que ao estabelecerem um vínculo legítimo de empatia e confiança mútua, se dedicam à tarefa de relatar e escutar. Aquele que ouve, mesmo que se trate de um cientista, influencia o relato, enquanto é influenciado por ele, estabelecendo-se assim um processo, vivo e humano. Ao deixar emergir uma história de vida, sem a intervenção de perguntas segmentadas, ela aflora com todo o seu colorido e sua vivacidade, repleta de informações, que revelam desde intimidades até aspectos mais amplos acerca do contexto social.

Os estudiosos, que apontam esta interação como uma inadequação do método aos trabalhos acadêmicos, por não possuir o rigor e a neutralidade necessários, devem lembrar-se, que o questionamento e a averiguação da veracidade de um relato não constitui uma questão para a psicologia. O psicólogo familiarizado com a prática clínica, não deve ver com assombro o uso de histórias de vida como meio de produzir conhecimento científico, pois a história de vida é o seu principal instrumento de trabalho e é por meio da história de vida, que um analista, ou terapeuta, consegue acessar a psique do paciente. O psicólogo sabe que a sua escuta também influencia a fala do paciente e leva este fator em consideração para realizar seu trabalho. O grande diferencial é o fato do relato colhido para pesquisa não se dar em um contexto clínico e não possuir finalidade

terapêutica. Clapier-Valandons, aponta para esta analogia entre a prática clínica e a captação de um relato biográfico:

Essa relação de si para si em presença de um outro, real ou não, que constitui toda autobiografia é bem conhecida dos psicólogos clínicos. Contar sua história não é um ato neutro, evidente e inocente: a empatia requerida pelo entrevistador não é também automática.

Clapier-Valandons, 1983, p.8.

F. Ferrarotti (1983), autor da sociologia adepta do que ele chama de, “Métodos Biográficos”, o que inclui a história de vida, também defende a “interação pessoal” entre entrevistador e entrevistado como fenômeno natural e produtivo. Fenômeno este muito mais complexo, que uma relação, observador e observado, o que não é uma desvantagem e sim uma particularidade do método, que deve ser aproveitada.

Desta maneira, é lícito que um pesquisador ao usar a história de vida, não pretenda se esconder, enquanto pessoa atuante naquele processo de investigação, expondo isto de maneira bem clara aos olhos dos leitores. Pois, como explicita Preuss (1992), métodos quantitativos também estão carregados da influência do pesquisador, só que esta se encontra implícita. Ao levantar questões, ao redigir um questionário, o sujeito está se colocando.

Portanto, não há nada que diminua a história de vida, enquanto método para a investigação científica, principalmente, no que concerne ao campo da psicologia.

4.2.1. Métodos de registro

F. Ferrarotti (1983), classifica o método da coleta de dados biográficos como pertencente a 2 categorias, segundo a origem do material, “material biográfico secundário” é o nome dado ao material, que foi obtido a partir de documentos como cartas, fotos, filmes e outros tipos de registros já existentes, o que possibilita remontar a história de vida de um sujeito, sem necessariamente conhecê-lo.

O “material biográfico primário”, exige que a biografia seja relatada diretamente, pela própria pessoa ao entrevistador. O que significa a necessidade de um encontro e uma interação pessoal entre dois sujeitos.

Maurizio Catani (1987), divide a coleta do material biográfico primário em duas classes: a “Entrevista Biográfica”, quando o relato é obtido ao longo de vários encontros e a “História de Vida”, quando o material biográfico é obtido a partir de um único encontro.

Seguindo a definição oferecida por Catani, o trabalho terá como material, histórias de vida, que obtive a partir de entrevistas particulares, durante as quais registrava os relatos com a tomada de notas. Devido às condições nas quais foram realizados os encontros e as especificidades do campo, este me pareceu o modo mais eficaz e conveniente de realizar a tarefa. Todas as entrevistas foram realizadas no âmbito da UDV, em diversas oportunidades : preparos, mutirões, almoços e após as sessões. Em todas estas ocasiões, devido ao grande número de sócios era difícil encontrar um lugar, no qual pudesse haver silêncio suficiente para realizar um registro gravado, pois as pessoas costumam circular bastante pelas instalações dos núcleo. Quando se trata de um trabalho de campo muitas vezes o que rege o desenrolar da pesquisa é o campo, e não a programação do pesquisador. O estudioso que se propõe a esse tipo de investigação, deve estar preparado para exercer a flexibilidade e a paciência e ter em mente, que a interação com o campo é um relacionamento, pois ele é vivo.

Como apontou Catani, o modo como será registrada uma história de vida, ou um relato autobiográfico, é secundário. O que importa é o produto do encontro. Importar-se excessivamente com métodos de registro é se ater a uma procura de objetividade, que em essência não existe nos métodos biográficos. Mesmo gravando as entrevistas, não há como medir a influência do entrevistador sobre o relato do entrevistado, assim como não se pode comprovar a verdade do que está sendo contado.

the work is above all the products of an encounter; it is the result of a two way seduction, a love story (...) it recounts the development of an intensive affective relationship whose exchange exists on a purely oral basis – the taking of notes or, as more recent years, the use of a tape recorder, are secondary aspects of this relationship.”¹⁴

Maurizio Catani, 1987, p.212

4.3. O campo

O campo em questão é o Núcleo da UDV chamado Pupuramanta¹⁵, situado em Vargem Pequena, na cidade do Rio de Janeiro, RJ. Como a maior parte dos núcleos da UDV, o Pupuramanta foi construído em um sítio cercado de área verde relativamente afastado do movimento urbano. Crê-se, que em locais como este, onde a natureza é mais presente, há mais silêncio e melhores condições para a concentração mental necessária à prática de beber o chá. Atualmente, o Núcleo tem aproximadamente duzentos sócios, número elevado para os padrões da UDV.

A estrutura concreta de um Núcleo é composta pelas seguintes instalações: um Salão do Vegetal, onde são realizadas as sessões; uma Casa de Preparo, onde é feito o Vegetal; uma cozinha, com refeitório; dois banheiros, um feminino, e outro masculino; uma secretaria; um berçário, para alojar as crianças; e uma cantina. Dependendo dos sócios, e da direção do Núcleo, pode haver outros tipos de instalações como dormitórios, parquinhos, um espaço para adolescentes, quadras de esporte e etc. (contanto que as construções extras estejam de acordo com os padrões estabelecidos pela Sede Geral).

Como também ocorre em outros Núcleos o convívio entre os sócios é estimulado, e as pessoas também se reúnem no local em ocasiões nas quais não é bebido o Vegetal como: festas, aniversários, almoços e principalmente os mutirões de domingo, que acontecem uma vez ao mês, visando um trabalho conjunto para a manutenção das instalações do Núcleo. Nos dias de sessão é

¹⁴ “O trabalho é sobre todos os produtos de um encontro, é o resultado de uma sedução de via dupla, uma história de amor (...) isto significa o desenvolvimento de um relacionamento afetivo intenso no qual a troca existe em bases puramente orais. – tomar notas”, ou recentemente o uso do gravador, são aspectos secundários deste relacionamento.

¹⁵ Pupuramanta é uma denominação que remete aos mitos pertencentes à religião, aos quais não tive acesso.

comum as pessoas chegarem algumas horas antes do início do ritual para estarem juntas. Após o término das sessões é servida uma refeição e na verdade, a maior parte dos sócios não deixa o local imediatamente, criando mais espaço para o convívio. As sessões são concluídas às 12:15 e as pessoas retornam para suas casas por volta das 2:30.

O trabalho de coleta de dados fluiu com tranquilidade, pois a maioria dos entrevistados já me conhecia desde 1998, época da monografia. Havia uma certa confiança, na minha pessoa, embora com alguns nunca tenha conversado mais demoradamente antes. Ao abordar as pessoas expliquei que precisava de entrevistas para a formulação de uma dissertação de mestrado e que a identidade dos sujeitos seria preservada. Pude perceber, que concordavam em colaborar como um favor feito de boa vontade e queriam me ajudar, sem esperar que fosse algo especialmente interessante conceder-me uma entrevista. Notei que esperavam um questionário, ou coisa parecida. Mas, ao perceberem logo de início, que se tratava de uma conversa, a entrevista assumia tons empolgantes, interessantes e suscitava reflexões dos entrevistados sobre suas próprias palavras. As perguntas foram sendo formuladas de acordo com a experiência que cada um trazia, de modo que nem sempre eram as mesmas. Após o término das entrevistas o diálogo costumava estender-se pelos meandros de assuntos pessoais, que não tinham necessariamente relevância para a pesquisa, mas foram suscitados por ela. No final do encontro muitos fizeram questão de expressar o quanto tinha sido um momento agradável, alguns até agradeceram a oportunidade. A realização da coleta de dados foi gratificante e me enriqueceu, não apenas como pesquisadora, mas também como ser humano.

O resultado obtido a partir do material coletado será apresentado no próximo capítulo.